

A demografia histórica brasileira nesse final de milênio

Maria Luiza Marcílio*

Introdução

Fazer um balanço da produção e das linhas dominantes de pesquisa no campo da demografia histórica em nosso País, desde seu nascimento até hoje, é tarefa ao mesmo tempo simples e complexa para mim. Simples, porque, em grande parte, seu desenvolvimento se confunde com a trajetória de minha vida científica. Complexa, porque, desde os idos de 1968, quando foi publicada a obra que inaugura a demografia histórica brasileira, *La ville de São Paulo. Peuplement et population. 1750-1850* (Marcílio, 1968),¹ a produção na área só fez diversificar-se e avolumar-se. Dar conta de todo o avanço da demografia histórica no País é sempre um desafio e um risco.

Naturalmente, há que se entender, desde logo, que esse balanço não poderá dar conta de todos os trabalhos, artigos, teses, comunicações realizadas na área nos últimos 30 anos. Não se trata aqui, também, de um arrolamento exaustivo das publicações e trabalhos inéditos. Meu objetivo é procurar sublinhar as linhas dominantes das pesquisas em demografia histórica brasileira desde o nascimento dessa ciência entre nós.

Não é demais lembrar que algumas tentativas de arrolamentos já foram feitas, além do que existem dois veículos que procuram apresentar a produção anual na

área: a *Bibliographie internationale de la demographie historique*, publicação bilingüe (inglês/francês) da International Union for the Scientific Study of Population, que traz a produção na área por país desde 1978, e o *Latin American population history bulletin*, editado pelo professor Robert McCaa, da University of Minnesota, desde 1982.

Ao lado desses dois instrumentos de trabalho há outros, setoriais, que podem ajudar o pesquisador iniciante. Um deles é a introdução à obra coletiva *Demografia Histórica*, por mim organizada (Marcílio, 1977a), e em versão francesa com a participação de H.Charbonneau.² Nessa introdução, mostramos as linhas principais da pesquisa demográfica histórica publicada na Europa, na América Latina e no Brasil até fins da década de 70. O segundo estudo historiográfico é a introdução que fiz para uma segunda obra coletiva que organizei, *População e sociedade* (Marcílio, 1984a), onde aponto as mudanças e avanços da ciência, tanto na Europa como em nosso País.

Luis Mott, um dos pioneiros da demografia histórica brasileira, apresentou no Encontro da ABEP de 1976 um trabalho de muito interesse, *A demografia histórica e a história demográfica do Brasil: fontes documentais e bibliografia*, onde são apresentados os vários tipos de fontes brasileiras que podem

* Professora titular da Universidade de São Paulo - USP.

¹ Traduzida para o português pelas editoras Pioneira e Edusp em 1973, sob o título *A cidade de São Paulo. Povoamento e população — 1750-1850*.

² *Demographie historique*, Rouen/Paris/Montreal, PUF, 1979.

embasar estudos de demografia do passado (Mott, 1976a).

Outro trabalho de utilidade é o publicado por Eni de Mesquita Samara e Iraci del Nero da Costa (1984), *Demografia histórica. Bibliografia brasileira*, onde os autores, entendendo a demografia histórica em sentido bastante abrangente, incluíram trabalhos não demográficos.

Elaborei, ainda, uma proposta de análise sistematizada da população histórica brasileira do Século XIX (Marcillo, 1984b). Nela, distingo quatro macrosistemas demográficos, relacionados com as diversas formações histórico-sociais: o sistema demográfico das economias de subsistência; o das economias de grandes plantações; o das populações escravas; e o das áreas urbanas.

Em um dos últimos números da *Revista Brasileira de Estudos de População*, José Flávio Motta (1995) oferece-nos um balanço parcial da literatura produzida de grande relevância, destacando a produção sobre as características da população escrava e da população livre.

A demografia histórica no Brasil contou, desde o início, com o suporte essencial de instituições universitárias. Com a criação de setores de pesquisa e ensino próprios, ou atrelados aos departamentos de História ou centros de Demografia, a demografia histórica pôde construir seu espaço especial na universidade brasileira.

Tudo começou em 1970, quando o Departamento de História da Universidade Federal do Paraná - UFPr -, contando então com privilegiado aporte financeiro do MEC, instalou o seu sistema de pós-graduação com a área especial da demografia histórica. Com isto, foi possível: a) formar uma geração de mestrandos que desenvolveram trabalhos diversificados sobre a população do Paraná; b) trazer uma plêiade de especialistas nacionais e internacionais para desencadear o curso de pós-graduação e as co-orientações de trabalhos; c) enviar alguns de seus mestres

para continuarem os estudos demográficos, no nível de doutorado, quer na USP, quer em centros do exterior; e d) criar, enfim, o seu próprio programa de doutoramento em demografia histórica.

A produção demográfico-histórica da UFPr foi relatada pela professora Altiva Pillati Balhana — sua *alma mater* e sua grande animadora por mais de duas décadas — em consecutivas comunicações apresentadas a congressos nacionais e internacionais³. Infelizmente para todos nós, apesar do privilégio excepcional em termos de verbas federais, inexplicavelmente quase nenhum trabalho completo de mestrado ou de doutorado da UFPr produzido nas décadas de 70 e 80 foi publicado, o que dificulta o conhecimento dessas pesquisas.

Em 1985 pude fundar o Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina - CEDHAL -, centro interdisciplinar da Universidade de São Paulo que dirigi por dez anos, graças ao entusiasmo e juventude de seus pesquisadores e ao apoio recebido da Reitoria e dos Departamentos de História, Geografia e Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Único no gênero em toda a América Latina, os fins primordiais do CEDHAL foram sempre sobretudo três: desenvolver pesquisas de ponta e de caráter interface em demografia histórica; capacitar pesquisadores na mais avançada teoria, técnica e metodologia da demografia histórica; e prestar serviços à sociedade.

Com aportes financeiros da Finep, CNPq, CAPES e IUSSP pudemos desenvolver, nos anos de 1986-94, nosso projeto central, interdisciplinar e coletivo de pesquisa, intitulado *Família e infância na história social do Brasil*, que reuniu quase uma centena de pesquisadores. Dele saíram dez teses e dissertações, quatro livros, quase 50 artigos e capítulos de livros publicados no Brasil e no exterior, dezenas de comunicações em congressos e quatro simpósios. Parte da produção do CEDHAL em torno desse projeto de pesquisa será objeto de análise nesse artigo.

³ Citei aqui uma apenas, que dá conta de todas as demais: Balhana (1982).

Na década de 80, ainda na USP, foi criado o Seminário Permanente de Estudo da Família e da População no Passado Brasileiro, junto ao Instituto de Pesquisas Econômicas, da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade - FEA -, pelos professores Iraci del Nero da Costa e Eni Samara. O Seminário foi o embrião de onde saiu o Núcleo de Estudos em História Demográfica - NEHD -, integrado à FEA, que vem publicando o *Boletim de História Demográfica* e a série *Textos*, todos instrumentos úteis ao pesquisador da área.

O Núcleo de Estudos de População - NEPO - da Unicamp e o Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional - Cedeplar - da UFMG, desde suas fundações, incluíram a pesquisa da demografia histórica dentre suas atividades, apesar de serem, ambos, voltados para a realidade populacional atual do País. No primeiro, os estudos histórico-populacionais devem suas atividades primordiais às professoras Maria Sílvia Bassanezi e Maria Coleta de Oliveira e, no segundo, a ação mais continuada e entusiasta foi sempre de Clotilde Paiva.

A demografia histórica ainda aparece como disciplina opcional em cursos de graduação e como linha de pesquisa e/ou créditos em cursos de pós-graduação de História de universidades brasileiras, garantindo, assim, a continuidade das pesquisas e a capacitação de novos pesquisadores na área.

Passo, a seguir, a analisar as grandes áreas da demografia histórica, as que maior atenção mereceram dos estudiosos, a começar pelo estudo e classificação das fontes existentes.

A demografia histórica inaugura o uso de fontes seriais e de métodos rigorosos na análise histórica brasileira

Duas das mais marcantes inovações da demografia histórica em nosso País foram,

seguramente, em primeiro lugar, a introdução do uso sistemático de corpos documentais novos, quantitativos e qualitativos, homogêneos, seriais e momentâneos, e, em segundo lugar, a aplicação, em estudos históricos, de conceitos, de métodos e técnicas rigorosos emprestados da Demografia, mas também, em alguns casos, da Antropologia, da Sociologia, da Medicina, do Direito Civil e Eclesiástico ou da Economia.

De fato, raros foram os estudos históricos no Brasil que, antes da demografia histórica (1968), utilizaram corpos documentais seriais, como os registros paroquiais de batizados, casamentos e óbitos, ou as séries continuadas de listas nominativas de habitantes. Foram os demógrafos historiadores que tiraram da poeira dos arquivos eclesiásticos e públicos essas fontes novas, deram a elas tratamentos novos e resgataram realidades humanas, na duração longa, antes insuspeitadas.

Mais ainda, a demografia histórica introduziu no Brasil a análise rigorosa, baseada no instrumental científico da própria Demografia, mais fundamentalmente naquele elaborado para dados de natureza histórica e não demográficos pelo professor Louis Henry, pai da demografia histórica.⁴ Mas o demógrafo historiador brasileiro mostrou que não desconhecia outros métodos setoriais propostos pelos maiores da área, como, por exemplo, os desenvolvidos por Dupâquier, Livi-Bacci, Hollingsworth, Ariès, Burguière, Laslett, Jean Noël Biraben, dentre muitos outros.

Infelizmente, para a nossa História, os registros paroquiais e os censos de habitantes (parciais ou não) praticamente inexistem para o vasto período que antecede a década de 1750. As séries completas de registros paroquiais anteriores a meados do Século XVIII

⁴O manual mais importante e que inaugura a demografia histórica é o de Fleury e Henry (1965), *Nouveau manuel de dépouillement et d'exploitation de l'état civil ancien*, que sistematiza a técnica de "reconstituição de famílias", criação do grande pai da demografia histórica. Um segundo manual (Henry, 1967) é fundamental não apenas para a aplicação de análises demográficas às fichas de famílias reconstituídas, como ainda para análises demográficas das listas nominativas de habitantes e dos censos de população em geral. Um terceiro manual escrito em francês teve sua versão em português, facilitando a consulta dos pesquisadores nacionais (Henry, 1977).

são raríssimas e pontuais. Mesmo para o período posterior a 1750, nem todas as paróquias existentes na época conservaram bem suas séries de registros. Pior ainda, a nefasta tradição da Igreja Católica no Brasil de desmembrar arquivos paroquiais a cada fundação de nova diocese determinou vasta dispersão, perda e desordem dos arquivos paroquiais nesse Século XX. Infelizmente, o processo não parou ainda.

Depois de percorrer arquivos públicos e eclesiásticos de muitas das antigas capitanias brasileiras e de trabalhar longamente em mais de uma dezena de arquivos portugueses, pude elaborar um trabalho de sistematização geral das fontes de natureza demográfica disponíveis para a construção de uma história da população do Brasil (Marcílio e Lisanti, 1973). Os dados básicos de natureza demográfica existentes foram por mim classificados em três grandes períodos: uma fase *pré-estatística* (até meados do Século XVIII), em que os dados demográficos e estatísticos sobre a nossa população praticamente inexistem ou são extremamente lacunosos, falhos, pontuais, ou não passam de estimativas de contemporâneos; uma fase *proto-estatística* (até 1872, data do primeiro Censo Nacional), rica em dados seriais contínuos e estatísticos de variada natureza; e finalmente a fase *estatística*, que se inaugura com o primeiro Censo de 1872 e vem até hoje.⁵

Louis Henry, depois de sua frutuosa visita ao Brasil, na década de 70, escreveu um importante artigo propondo temas novos de estudo da área em nosso País a partir das fontes existentes e de sua especificidade (Henry, 1976).

A existência das fontes determinou, assim, a concentração dos estudos de demografia histórica no período de 1750 a 1850, rico não apenas em séries paroquiais

de registros, mas também em censos nominativos e em contagens regionais e setoriais de população.⁶ Por outro lado, por algum tempo preponderou a crença (que eu mesma ajudei a fortalecer, na época) de que, uma vez inaugurada a fase estatística brasileira, com o primeiro Recenseamento Geral de 1872, iniciava-se o período de domínio do demógrafo corrente e acabava o do demógrafo historiador. Isso contribuiu para inibir a incursão da grande maioria de historiadores da população no período posterior ao ano de 1872. Felizmente, essa situação vem sendo superada e começam a aparecer estudos sobre a primeira metade do Século XX, fase de tamanha importância para a compreensão das mudanças populacionais que se estavam operando.

Além da concentração temporal, os estudos concentraram-se igualmente em termos geográficos, privilegiando a Região Sudeste (nela incluindo-se o Paraná histórico, parte integrante da Capitania/Província de São Paulo até 1853). Esta capitania/província, por razões históricas especiais,⁷ mandou levantar e guardou muito bem os censos nominativos, fogo por fogo, de cada um de seus municípios, desde 1765 até por volta de 1836. Esse fantástico corpo documental, único em extensão de território coberto e em continuidade, abrangendo cerca de 70 anos, possibilitou uma multiplicidade de trabalhos demográficos sobre toda a região.

O Nordeste, o Norte, o Centro-Oeste e o extremo Sul, quase sem nenhuma lista nominativa de habitantes para o período proto-histórico e com seus arquivos eclesiásticos lacunosos e mal conservados, não estimularam muitos estudos demográficos. As exceções ficaram por conta de estudiosos individuais que, com muito esforço e determinação, reunindo fontes dispersas e incompletas, montaram estudos pioneiros e marcantes para essas regiões. Lembro aqui

⁵ Sobre a caracterização de fontes para setores da população, ver, por exemplo, Cowell Jr. (1975), que mostra que nada mais existe de fontes notariais e paroquiais para Recife no Século XVIII.

⁶ Sobre os censos realizados nesse período, ver o artigo que elaborei sobre as fontes disponíveis (Marcílio, 1977b).

⁷ Ver explicações em minha tese de livre-docência, não publicada (Marcílio, 1974a).

os trabalhos de Luis Mott (1976b, 1985 e 1986) para Sergipe e Piauí; de Jhildo Lopes Athaide (1975) e Katia Mattoso (1992) para a Bahia; de Miridan Falci (1993) para o Piauí; de Jovam Vilela da Silva (1995) para o Mato Grosso; e de Dora da Costa (1992) sobre o agreste da Paraíba.

Uma primeira tentativa de sistematizar os dados históricos de caráter demográfico foi feita em Marcílio (1975a). Esse esforço precisaria ser atualizado, incluindo agora não apenas as séries de registros paroquiais e os censos anteriores a 1872, mas também todos os tipos de fontes – seriais, quantitativas e qualitativas – valorizadas a partir da década de 80 (como, por exemplo, a série de inventários e testamentos; os processos da Inquisição; os livros de entrada na Roda de Expostos; os registros de cemitérios; etc.).

Nupcialidade, família, concubinato e infância na demografia histórica brasileira

Podemos afirmar, hoje, que os estudos de demografia histórica desencadearam verdadeira revolução na historiografia brasileira, com suas descobertas de realidades humanas antes insuspeitadas, com os novos questionamentos que suas revelações suscitaram, abrindo campo para novas temáticas, novas pesquisas e novas interpretações. São os seus "produtos paralelos", na feliz expressão de Pierre Channu. A partir dos resultados e dos questionamentos suscitados por esses estudos vêm-se multiplicando trabalhos de história social, de história do cotidiano, da cultura popular, da vida material, da vida religiosa, da vida privada, da sexualidade, e das instituições. Basta verificar as referências bibliográficas de muitos desses novos estudos e teses para se comprovar esta minha afirmação.

Graças às quantificações de estruturas e de dinâmicas populacionais do passado, categorias sociais desconhecidas em sua magnitude e mesmo em sua concretude vieram mostrar que nossa sociedade não se constituiu de senhores e escravos apenas, mas de uma complexidade de segmentos, de subgrupos diferenciados no interior das categorias dos escravos e dos homens livres.

Agregados, escravos de escravos, ilegítimos, expostos, fogos chefiados por mulheres, são alguns dos vieses evidenciados de forma pioneira pelos estudiosos de nosso passado demográfico. Categorias de "excluídos" livres e libertos foram rastreadas, quantificadas, classificadas, mostrando-se a complexidade de uma sociedade escravista. Segmentos especiais – não apenas "os escravos", mas a mulher escrava, a criança escrava, o idoso – foram analisados mais profundamente graças às fontes nominativas e seriais potencializadas.

De outro lado, os estudiosos da demografia histórica brasileira procuraram vasculhar por vários ângulos a vasta área da nupcialidade, da família, do concubinato e da infância, tomada aqui como um todo. As primeiras monografias de demografia histórica urbana revelaram realidades sociais pouco ou nada conhecidas como, por exemplo, os movimentos sazonais de casamentos; os elevados índices de ilegitimidade e abandono de bebês; as altas proporções de fogos chefiados por mulheres sós, com ou sem filhos; as idades ao casar não tão baixas como eram consideradas pela literatura existente; a celebração recorrente de casamentos de escravos; etc.

Essas revelações levaram os historiadores da sociedade e os próprios demógrafos historiadores a partir para novas pesquisas, em inúmeras direções. Procurou-se, por exemplo, conhecer mais de perto a nupcialidade do passado. Os primeiros trabalhos realizados nessa área mostraram, pela primeira vez, os níveis diferenciais de nupcialidade de homens livres e de escravos, bem como os movimentos sazonais de casamentos. Depois, buscou-se conhecer os regimes matrimoniais, os padrões do mercado de casamento, os direitos e regimes sucessórios, os costumes ligados à cerimônia religiosa, e a escolha dos cônjuges.

Ana Silvia Volpi Scott (1987), Carlos de Almeida Prado Bacellar (1987) e Marília Souza do Valle (1983), utilizando métodos de reconstituição de famílias, à la Louis Henry, desenvolveram suas teses, desvendando os intrincados sistemas de casamento, as

estratégias sucessórias, os mecanismos do mercado matrimonial e as taxas diferenciais de nupcialidade de famílias do Vale do Paraíba e arredores de São Paulo, do oeste paulista e da Vila da Lapa (Paraná), respectivamente, entre o final do Século XVIII e as primeiras décadas do Século XIX. Maria Sílvia Bassanezi (1988) procurou entender os mecanismos do casamento no interior de uma grande fazenda de café paulista. O casamento em Vila Rica de Ouro Preto, por sua vez, foi objeto de pesquisas de Iraci del Nero da Costa (1977).⁸

Conhecer o calendário dos casamentos foi uma das preocupações de nossos demógrafos historiadores. Suas descobertas vêm mostrando a estreita relação que existia entre os sistemas econômicos (agrícolas, da pecuária, da mineração) e os mecanismos e a sazonalidade da nupcialidade. Cardoso e Nadalin (1982) desvendaram os meses e os dias preferenciais de casamento no Paraná dos Séculos XVIII e XIX, e eu mesma procurei estudar esse fenômeno de forma geral (Marcílio, 1988).

As inovações na área dos estudos históricos sobre casamento, família, grupos domésticos e de parentesco introduzidas pela demografia histórica partiram, quase sempre, da análise das séries longas de registros de batismos, casamentos e óbitos, acopladas às listas nominativas de habitantes e, algumas vezes, aos testamentos e às genealogias.

Em poucos casos, os pesquisadores utilizaram-se do método de "reconstituição de famílias" criado por Louis Henry, quer em sua formulação original, quer em adaptações várias para nossa realidade, com resultados surpreendentes no que diz respeito ao conhecimento de realidades humanas de nosso passado. Por meio dessas análises pudemos conhecer com rigor e pela primeira vez as taxas e padrões da fecundidade, da nupcialidade e, em alguns casos, da mortalidade do passado.

O método exige tempo imenso nos arquivos eclesiásticos e paciência beneditina

para a montagem de todas as famílias – mesmo com as maravilhas introduzidas pela informática, o método não dispensa de todos os fatores paciência e tempo. O problema mais sério para o trabalho de reconstituição de famílias brasileiras é o dos sobrenomes. Esses não tinham, no Brasil, regras fixas, quer em termos ortográficos – o menos grave –, quer em termos de transmissão familiar.⁹ Qualquer programa de computador criado para facilitar a reconstituição de famílias parte do sobrenome do indivíduo e, portanto, esbarra em sérias dificuldades decorrentes da falta absoluta de homogeneidade dos sobrenomes, dentro de cada família brasileira antes do Código Civil de 1916, quando a matéria é, enfim, regulamentada. Assim, identificar cada família ao longo de gerações e reconstruir sua história é tarefa complexa e espinhosa.

Certamente, a aplicação ao Brasil do método de "reconstituição de paróquias" de Norberta Amorim, criado para contornar as dificuldades impostas pela falta de homogeneidade dos sobrenomes em Portugal e agilizar o processo de reconstituição de famílias, produzirá imensos avanços no conhecimento de nossas populações do passado (Amorim, 1991). Como todos sabemos hoje, as famílias constituídas em concubinatos de vários tipos, e os domicílios chefiados por mulheres sós compuseram substantiva proporção dos grupos domésticos ao longo de nossa história. Com o método Norberta Amorim poderemos conhecer com profundidade os padrões de fecundidade, nupcialidade e mortalidade não só de famílias legitimamente constituídas (método Henry), como também das que não se conformaram ao modelo europeu-católico imposto.

Não chega a uma dúzia os trabalhos de reconstituição de famílias realizados para as nossas populações. Todos eles procuraram seguir as técnicas criadas por Henry. Poucos deles trabalharam com famílias brasileiras, propriamente ditas, as que maiores dificuldades criam para a aplicação do método, em função da falta de regras na escolha de sobrenomes para os descendentes de uma mesma família.

⁸ Ver ainda Costa e Gutiérrez (1986).

⁹ Para conhecer os problemas do nome de família no Brasil histórico, ver Marcílio (1974b).

Em virtude da barreira dos sobrenomes, das lacunas e sub-registros — especialmente de óbitos — nas paróquias, resolvi, por sugestão do meu mestre Louis Henry, aplicar o método de reconstituição de famílias usando, em lugar das séries de registros paroquiais, as listas nominativas anuais de um município paulista, Ubatuba (Marcílio, 1986). As fichas de famílias assim estabelecidas permitiram a análise rigorosa dos padrões de fecundidade (legítima e ilegítima), de nupcialidade e de mortalidade das famílias dos camponeses-pescadores do litoral norte paulista, os chamados caçaras, entre o final do Século XVIII e as primeiras décadas do Século XIX. Outros tipos de fontes nominativas (genealogias, testamentos, cadastros de terras, registros paroquiais) e o recurso à história oral possibilitaram ampliar as análises e inter-relacionar os resultados com sistemas agrícolas, sucessórios, de uso da terra, etc.

Dentre as teses ou dissertações, que empregaram o método de reconstituição de famílias, cito a tese de Ana Maria Burmester (1981) sobre as famílias da Freguesia da Luz, de Curitiba, no Século XVIII. Com base nos registros paroquiais, a autora analisou a nupcialidade e a fecundidade nessa freguesia, mas não pôde estudar a mortalidade em virtude das lacunas e sub-registros de crianças nas séries de óbitos. Cito ainda dois estudos de Carlos Bacellar (1991 e 1994), um sobre as famílias de grandes proprietários do oeste paulista e outro sobre todas as famílias do Município de Sorocaba nos Séculos XVIII e XIX, embasados nos registros paroquiais, nas listas nominativas de habitantes e em vários outros tipos de documentação nominativa. Usando os mesmos métodos, Ana Sílvia Volpi Scott (1987) — que juntamente com Bacellar constituíram minha primeira equipe de pesquisadores de demografia histórica da USP, participando do projeto *A família na história do Brasil*¹⁰ —

estudou a elite paulista da região do Vale do Paraíba e arredores da capital.

Várias outras teses de professores e estudantes da Universidade Federal do Paraná procuraram reconstituir famílias de colônias ou grupos específicos de imigrantes europeus de fins do Século XIX e início do Século XX. Altiva Pillati Balhana (1978) estudou a colônia de Santa Felicidade, de italianos, nos arredores de Curitiba. Nadalin (1982) empregou o método Henry para recompor famílias luteranas alemãs e seus descendentes estabelecidas desde meados do século passado em Curitiba.¹¹ Outra meia dúzia de monografias analisaram populações européias específicas estabelecidas no Paraná com a grande imigração de fins do Século XIX. Para esses casos de imigrantes, a reconstituição de famílias é facilitada pela manutenção e sucessão do mesmo nome de família.

Os resultados desses estudos mereceriam um trabalho de síntese e comparação, sobretudo no que diz respeito à fecundidade diferencial dos grupos analisados. Um estudo comparativo dessa natureza poderia detectar diferenciações de fecundidade entre categorias sociais, em diferentes regiões geográficas e em épocas distintas, permitindo-nos conhecer possíveis padrões específicos de populações sob a influência de fatores socioeconômicos e culturais diferentes.

Quando criei o CEDHAL, em 1984, o primeiro grande projeto de pesquisas interdisciplinares que montei e coordenei foi o intitulado *A família e a criança na história social da população brasileira*, que contou com o apoio da Finep, do CNPq e da FAPESP. Tratava-se, pela primeira vez em nossa história, de estudar o segmento infantil nas suas várias composições: criança da elite, criança escrava, ilegítima, abandonada, em situação de risco e desviante, e em suas interfaces com a família, a mãe, a construção

¹⁰ Meu livro sobre o caçara integrou esse projeto de pesquisa, que tinha dentre seus principais objetivos o conhecimento dos padrões de cada sistema demográfico, através de métodos de demografia histórica sofisticados e por nós adaptados ao Brasil.

¹¹ Os artigos e comunicações a congressos sobre o tema produzidos pelo autor (e depois em parceria com Alain Bideau) são vários, dentre os quais cito aqui, como exemplos, Nadalin (1975, 1978 e 1982) e Bideau e Nadalin (1988).

dos Direitos da Criança, de políticas públicas e de legislação em seu favor, de instituições voltadas para a proteção e assistência à infância, etc. Para atingirmos essas pretensões, incluímos o estudo dos comportamentos e atitudes diante de fenômenos como a maternidade, o concubinato, e a ilegitimidade.

Os frutos desse projeto, que durou dez anos, foram marcantes e expressaram-se em teses de pós-graduação e nas primeiras publicações na área. Os pesquisadores que integraram esse projeto distinguem-se, hoje, por suas publicações e suas posições nas maiores universidades brasileiras (Mary del Priore, Fernando Torres Londoño, Renato Pinto Venâncio, Carlos Bacellar, Miridan Falci, Maria de Fátima Rodrigues das Neves, Marcio de Assis Branco, Moyses Kuhlman), bem como na Universidade do Minho (Ana Sílvia Volpi Scott) e na Universidade de Montevidéu (Ernesto Campagna Caballero).

Donald Ramos (1975) inovou no estudo sociodemográfico das famílias mineiras dos Séculos XVIII e Séculos XIX, produzindo um estudo clássico sobre as estruturas da família colonial brasileira. Eni de Mesquita Samara (1981, 1989 e 1990) usou modelos de classificação da família histórica, propostos por Peter Laslett (mas modificados pela autora) para analisar listas nominativas de São Paulo. As *brazilianists* Elizabeth Kuznetsov (1986) e Alida Metcalf (1992) trabalharam com famílias e grupos domésticos de vilas paulistas e produziram dois trabalhos clássicos na área. Sheila Siqueira de Castro Faria (1994) estudou as famílias livres e escravas da Capitania da Paraíba do Sul na segunda metade do Século XVIII. E eu mesma venho estudando, desde a década de 60, as famílias, os grupos domésticos e a fecundidade legítima e ilegítima na cidade e na Capitania de São Paulo, do Século XVIII até meados do Século XIX (Marcílio, 1970, 1985 e 1988).

Com todos esses trabalhos, já foi possível traçar um perfil dos padrões dominantes dos arranjos familiares e da tipologia das famílias no Século XIX, tarefa árdua e bem-sucedida realizada por Katia Mattoso (1988) para o caso da Bahia. Sobre

os sistemas de casamento, destaca-se o trabalho de Maria Beatriz Nizza da Silva (1984).

Em 1990, co-patrocinado pelo CEDHAL e pela Comissão de História da Igreja na América Latina - CEHILA -, foi realizado na USP o Simpósio Nacional Família, mulher, sexualidade e Igreja na história do Brasil, onde se pôde apresentar e debater trabalhos novos na área. Desse simpósio saiu uma publicação coletiva (Marcílio, 1993b) reunindo trabalhos de especialistas em história da Igreja e de demógrafos historiadores debruçados sobre a temática da família em seu sentido amplo.

De resto, a aproximação entre o CEDHAL e a CEHILA não foi casual. Se a segunda sempre esteve centrada na história dos pobres e dos excluídos (escravos, índios, mulheres, crianças, pobres em geral), objeto desde sempre da demografia histórica, por sua vez os demógrafos historiadores do CEDHAL descobriram logo cedo a necessidade imperiosa de se aliarem aos especialistas da história da Igreja, dada a profunda ligação que a história social e demográfica de nosso País tem com os cânones, as normas, a disciplina, a educação, a política, e os mores impostos pela Igreja às populações ao longo de nossa história.

Dada a forte presença no Brasil de casais unidos consensualmente, em tipos variados de concubinatos, chamava a atenção a contradição entre essa realidade e as leis sobre o casamento e a família ensinadas e controladas pela Igreja Católica. Como a Igreja encarava e se posicionava em face das legiões de batizados de filhos naturais e de expostos que tinha de ministrar pelo Brasil afora? Daí a razão dos estudos de natureza demográfica ou não que foram estimulados pelos resultados dos estudos da demografia histórica.

Fernando Torres Londoño (1989a, 1989b e 1992) e Ronaldo Vainfas (1988) analisaram o fenômeno do concubinato e da ilegitimidade entrelaçando processos inquisitoriais, devassas, registros paroquiais e cânones eclesiais. Katia Mattoso (1988 e 1992) procurou desvendar os concubinatos e as famílias legítimas de vários ângulos, inclusive propondo uma interessante tipologia

das famílias coloniais e do século passado. Venâncio (1986) buscou quantificar os fenômenos da ilegitimidade e da exposição de crianças procurando estabelecer uma geografia de sua distribuição.¹²

A natalidade, a nupcialidade e a família do escravo brasileiro também vêm merecendo a atenção dos especialistas. Procura-se desmistificar a crença de que o escravo não pôde estabelecer famílias legais. Já são vários os trabalhos publicados ou as teses na área centrados em torno da família escrava, dentre os quais lembro Luna (1990), Motta (1988), Metcalf (1990), Bacellar e Scott (1990), Falci (1990), Samara (1990) e Marcílio (1990). Muito recentemente, as pesquisas de Manoel Florentino e de José Roberto Góes têm trazido importante e inovadora contribuição ao estudo do parentesco e da família do escravo. Seus últimos trabalhos valorizam fontes seriais novas (Florentino e Góes, 1995a, 1995b e 1997).

Slenes (1978, 1984, 1986 e 1987) estudou, criteriosamente, os padrões de casamento e de família de escravos de Campinas no século passado, desvendando particularidades demográficas da nupcialidade e dos padrões de família escrava nas regiões cafeeiras, na segunda metade do Século XVIII. E Costa, Slenes e Schwartz (1986) apresentaram trabalho inédito sobre a família escrava de Lorena, fundado nas listas nominativas do ano de 1801.

Enfim, a Infância passou a ser tema importante das pesquisas de demografia histórica, particularmente depois que o CEDHAL desenvolveu seu projeto coletivo (1987-94) sobre a história da criança brasileira. O livro coletivo *A história da criança brasileira*, organizado por Mary del Priore (1991), então pesquisadora do projeto, foi um primeiro ensaio nesse tema, com

abordagens pontuais. A mesma autora já prepara novo livro coletivo sobre o assunto.

Os fenômenos da ilegitimidade e do abandono de bebês, tão difundidos no Brasil, e o tema da infância escrava, de difícil incursão, foram privilegiados pelos pesquisadores do CEDHAL. Foram marcantes e referenciados em inúmeros trabalhos as publicações de Renato Pinto Venâncio (1988 e 1993) sobre as ilegitimidades e o abandono de bebês, o trabalho de Maria de Fátima Rodrigues das Neves (1993) sobre as infâncias escravas e o de Miridan Falci (1991) sobre a história da infância no Piauí. Carlos Bacellar (1994) pode acompanhar de forma inédita, em suas fichas de família, a história de vida dos expostos depois de abandonados em casas de família. Meu livro sobre a história do abandono de crianças (no prelo), quando publicado, será o fecho do projeto do CEDHAL.¹³

Estruturas e dinâmicas populacionais. População livre e escrava

Os trabalhos pioneiros de demografia histórica no País centraram-se na análise das estruturas e da dinâmica de populações urbanas, fundando-se em censos e em séries de registros paroquiais. Incluem-se nessa fórmula os meus primeiros trabalhos (Marcílio, 1968 e 1970) sobre a cidade de São Paulo; os trabalhos de Iraci del Nero da Costa (1979 e 1982) e de Francisco Vidal Luna (1981) sobre populações de vilas mineiras; de Johildo Lopes Athaide (1975) sobre a cidade de Salvador, e de Altiva Pilatti Balhana (1972) sobre Curitiba. Para a cidade do Rio de Janeiro, as grandes pioneiras dos estudos demográficos foram Maria Yedda Leite Linhares e Maria Bárbara Levy (1973).

Seguindo esses primeiros passos, multiplicaram-se trabalhos de mestrado que analisaram estruturas e dinâmicas de populações de vilas e paróquias do Brasil dos

¹² Cito ainda Luna e Costa (1982), Mott (1992), Goldschmidt (1993) e Silva (1984).

¹³ Ver também Marques (1994), Del Priore (1990), Bacellar (1994), Kuhlmann Jr. (1996) e Carvalho (1996). Para uma listagem completa de todos os trabalhos do CEDHAL concluídos durante minha gestão, ver CEDHAL (1994).

Séculos XVIII e XIX. Deve-se à Universidade Federal do Paraná os primeiros estudos na área.¹⁴

A estrutura demográfica de grupos especiais também foi alvo de análises apuradas. A população escrava brasileira foi objeto da substantiva tese de Robert Slenes, como foi dito. Miridan Falci (1993) estudou a estrutura demográfica escrava da Província do Piauí. Escravos e livres de Minas Gerais foram estudados por Clotilde Paiva e Herbert Klein (1992).

Análises demográficas verticais de outro segmento especial, a camada da população livre brasileira não proprietária de escravos, foram realizadas por Iraci del Nero da Costa (1992). O autor estudou esse vasto segmento livre em várias localidades paulistas e paranaenses, partindo das listas nominativas de habitantes.

Os estudos demográficos de vilas e paróquias privilegiaram as áreas urbanas. Alguns, porém, estudaram a estrutura e a dinâmica de populações rurais. É o caso das teses de mestrado já mencionadas de Ana Sílvia Volpi Scott e de Carlos Bacellar; dos trabalhos de Luis Mott sobre o Piauí e Sergipe, igualmente já citados; do meu estudo sobre o caiçara do litoral norte paulista e de minha tese de livre-docência sobre o crescimento populacional e a evolução agrária da Capitania de São Paulo; do trabalho de Altiva Pilatti Balhana (1978) sobre uma paróquia rural italiana do Paraná. Incluem-se aqui, ainda, a tese de Sheila Faria (1994), a obra editada por Lucila Brioschi (1991) e os recentes e inovadores estudos de Manolo Florentino e José Roberto Góes, também já referidos.

Tentou-se, algumas vezes, fazer uma síntese da evolução da população brasileira.

O esforço maior surgiu antes do nascimento da moderna demografia histórica no Brasil. Seguramente, os trabalhos mais marcantes, clássicos nesse campo, estão contidos na vasta obra de Giorgio Mortara, o demógrafo italiano contratado pelo governo brasileiro para dirigir o IBGE e os trabalhos dos Censos Nacionais de 1940 e 1950. A Università di Roma, na década de 60, rendeu-lhe justa homenagem publicando, em vários fascículos, o currículo e as obras desse grande demógrafo a quem o Brasil deve tanto. Espera-se que o IBGE possa um dia prestar-lhe culto de gratidão publicando uma coletânea com os artigos sobre a demografia brasileira escritos pelo grande Mortara.¹⁵ Esse seria um grande serviço que o IBGE prestaria aos estudiosos da demografia histórica brasileira.

Depois de Mortara, dois trabalhos de grande relevância procuraram calcular a população histórica brasileira. O primeiro é o de Dauril Alden (1963), que trabalha com a população brasileira de fins do Século XVIII. O segundo é o de Thomas Merrick e Douglas Graham (1981), trabalho da maior importância, em que se calcula e se analisa a evolução populacional brasileira desde 1800 até nossos dias.

Também clássico é o estudo do crescimento da população paulista realizado por José Francisco Camargo (1981), professor catedrático da USP, a partir dos Censos de 1836 e até a década de 50.¹⁶ Para o período anterior a 1836 há a minha tese de livre-docência (Marcílio, 1974a), que recompõe a demografia de toda a Capitania de São Paulo por regiões de povoamento diferenciado.

Procurei igualmente estabelecer uma síntese da população histórica colonial brasileira como um todo, trabalho que foi incluído na grande coleção magistralmente

¹⁴ Ver, por exemplo, Boni (1974), Burmester (1974), Gonçalves (1979), Graf (1974), Kubo (1975), Mequelusse (1975), Miranda (1978), Schaaf (1974), Vale (1976), etc.

¹⁵ Para quem se interessar pela lista completa de suas obras e artigos, publicados em inúmeras línguas e em vários países, ver os fascículos do Instituto di Demografia da Università di Roma, n. 4, 5, 8, 10 e 11, dos anos de 1960, 1961, 1963 e 1968.

¹⁶ Essa segunda edição da obra de Camargo é uma feliz iniciativa da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP, que com justiça homenageou assim seu ilustre professor.

dirigida por Leslie Bethell, *The Cambridge history of Latin America* (Marcílio, 1984c), que acaba de ser traduzida para o português pela Edusp.¹⁷

Numa tentativa de diferenciar os sistemas demográficos que dominaram o País antes da transição demográfica, produzi ainda uma classificação que pode ser útil ao encaminhamento das pesquisas na área (Marcílio, 1984b).

Dentre as análises demográficas empreendidas, a população livre e a população escrava, estudadas em separado, mereceram forte atenção dos pesquisadores. Procurou-se conhecer não apenas as estruturas e as dinâmicas dos dois grandes segmentos que compuseram nossa população até fins do século passado, mas igualmente, como já disse, seus padrões de casamento, de família, de parentesco, e de mortalidade.

O segmento das "gentes" de cor de Sergipe foi analisado com cuidado por Luis Mott (1976b). A análise dos escravos que chegavam ao País em navios negreiros mereceu a atenção de Herbert Klein (1969, 1972 e 1973). As ocupações dos escravos centralizaram a atenção de Katia Mattoso (1974), que procurou estabelecer uma classificação para as ocupações dos cativos da Bahia, e de Maria Bárbara Levy (1973), que analisou as populações livre e escrava na Corte do Rio, codificando suas ocupações. Luna e Costa (1979) buscaram classificar os escravos de Minas Gerais, a partir de sua origem, em grandes grupos e "nações".

A codificação das ocupações da população livre, por setores econômicos, de acordo com o clássico esquema de Colin Clark, foi tentada pela primeira vez, em termos históricos, para a cidade de São Paulo (1750-1850) em Marcílio (1968). Costa (1973 e 1985a) buscou aplicar o mesmo procedimento para Vila Rica no Século XVIII. Mais tarde, juntamente com Nozoe, sistematizaram o esquema, procurando

enquadrar todo tipo de ocupação registrada em documentação antiga brasileira (Costa e Nozoe, 1987). Trata-se de proposta de muita utilidade, pois permite inclusive comparações.

Mortalidade e morbidade de populações do passado

Os estudos sobre as doenças, a saúde e a morte não são muito freqüentes na área da demografia histórica brasileira, em que pese a riqueza de temáticas que os envolve e o pouco conhecimento que temos dos diferenciais da mortalidade no passado. A morte é um fenômeno demográfico, carregado de influências socioeconômicas e culturais que precisariam ser conhecidas. Há que se lembrar que o fator mortalidade foi o primeiro a sofrer profunda queda no processo de transição demográfica que se iniciou no Brasil no final do Século XIX.

As políticas de saúde pública, iniciadas com a criação das primeiras faculdades de Medicina no País (1810), com o avanço da Medicina Higiênica, com a luta em prol da extinção das epidemias mais mortíferas, com a criação dos cemitérios públicos, o saneamento das cidades, as campanhas de vacinação e de combate à mortalidade infantil estão aguardando seus demógrafos historiadores. Apesar de tudo, estudos pontuais existem na área (Bom Meihy e Bertolli Filho, 1990; Telarolli Jr., 1996).

Em 1982 foi realizado na USP, sob a liderança do professor José de Souza Martins, um simpósio sobre a morte que atraiu um grande público e a presença de estudiosos dos mais variados campos do conhecimento que vinham estudando isoladamente o tema. Os principais trabalhos apresentados foram publicados em uma obra que serve de ponto de partida e de estímulo a novos pesquisadores (Martins, 1983).

Mattoso e Athaide (1973) produziram um estudo sobre as grandes epidemias na Bahia,

¹⁷ Outras versões desse trabalho são Marcílio (1973 e 1975b)

as fontes disponíveis para seu estudo e as curvas de mortes associadas às curvas das flutuações dos preços dos cereais, tema que na época empolgava parte da historiografia dos *Annales*. Mas pouca coisa sabemos sobre as epidemias mais mortíferas que atacaram a população brasileira no passado, como, por exemplo, a do cólera, que entra em nosso País em 1855, ou da febre amarela, que fez tremendos estragos, sobretudo entre a população branca, em 1849-50; sobre as tenebrosas condições sanitárias das maiores cidades do século passado e do atual; sobre as políticas públicas de saúde; e sobre as curvas e as causas da mortalidade geral e diferencial. De resto, não é a mortalidade infantil um dos primeiros indicadores das condições socio-econômicas e sanitárias de uma população?

Minha obra sobre a cidade de São Paulo (Marcílio, 1968) também procurou classificar as causas das mortes do passado de acordo com a classificação proposta pela Organização Mundial de Saúde. Os resultados mostraram que mais de 60% das mortes de causa conhecida foram ocasionadas por moléstias infecto-contagiosas.

A mortalidade nas grandes cidades, com certeza, apresentou níveis extremamente elevados no passado. O caso do Rio de Janeiro durante o Império é típico. Sistemáticamente, ano após ano, a cidade manteve uma mortalidade superior à sua natalidade. Não foram raras, as vezes em que a população se viu diante de dois, três e até quatro surtos epidêmicos mortíferos diferentes num único ano! Além disso, a tuberculose seguia fazendo seus estragos, ceifando cerca de um quarto da população a cada ano, conforme estudo recente que realizei (Marcílio, 1993a).

A mortalidade escrava foi objeto de estudos demográficos sofisticados realizados por Pedro Carvalho de Mello (1983). Infelizmente, esse autor, que despontava como uma das grandes autoridades em demografia histórica do País (com tese de doutorado na Universidade de Chicago), abandonou as pesquisas na área.

Estudo inovador é, com certeza, o de Costa (1976) sobre as doenças em Minas

Gerais. Jurema Gertze (1990), por sua vez, trabalhou com a mortalidade infantil da população escrava do Rio Grande do Sul.

Considerações finais

A Ciência Demográfica trata essencialmente dos fenômenos complexos e multifacetados da natalidade, da reprodução, da mortalidade e dos deslocamentos espaciais das populações. Para tanto, essa ciência desenvolveu, particularmente após a década de 50, um verdadeiro arsenal de métodos e técnicas sofisticados de análise, inter-relacionando-os com as variáveis, que atuam sobre a dinâmica e as estruturas das coletividades humanas.

Esse formidável aperfeiçoamento do instrumental de análise da Demografia, fortemente auxiliado pela Informática, pela Estatística e pela Matemática, propiciou, em parte, o aparecimento da demografia histórica na Europa nos anos finais da década de 50.

A demografia histórica que se difundiu velozmente pela Europa, do Oeste e do Leste, e que teve sua idade de ouro nas décadas de 60-80, foi criação de historiadores, de matemáticos, de médicos e de antropólogos. No Brasil, a demografia histórica surgiu no cenário científico em fins da década de 60, desenvolvida, particularmente, por historiadores, em que pese a participação de economistas e sociólogos, em muito reduzido número.

O casamento da Demografia com a História vem sendo realizado com sucesso e entusiasmo entre nós e tem provocado mudanças marcantes nas preocupações dos historiadores, particularmente daqueles que trabalham com as áreas social e cultural. No entanto, os estudos continuam privilegiando o eixo São Paulo-Paraná-Rio-Minas, encontrando-se muito poucos trabalhos sobre as demais regiões brasileiras.

Quanto às temáticas, dominam, de longe, os estudos sobre a nupcialidade e a família e "não-família". A fecundidade, a mortalidade e as migrações são campos secundários, na escolha dos pesquisadores.

Em termos de época, a maior abundância de fontes seriais e estatísticas momentâneas no período que denominei de proto-estatístico determinou, como vimos, a concentração dos estudos de demografia histórica brasileiros entre meados do Século XVIII e meados do Século XIX.

Dentre os segmentos da população brasileira preferidos pelos estudiosos estão o homem livre, o escravo e a criança. Observa-se, também, que não são freqüentes análises demográficas sobre gênero (com análises particulares das populações masculina e feminina), sobre a população idosa e sobre

segmentos étnicos da população (incluindo-se aqui não apenas negros, brancos, mestiços, índios, mas também os grupos de imigrantes e de migrantes).

Mesmo considerando o extraordinário avanço que a demografia histórica obteve nesses últimos 30 anos, campos inexplorados ou parcialmente explorados e fontes novas a serem postas a serviço dos conhecimentos demográficos do nosso passado permanecem desafiando os novos pesquisadores. Ademais, urge que os estudos sejam embasados em técnicas e métodos demográficos mais apurados.

Bibliografia

- ALDEN, Dauril. The population of Brazil in the late 18th century: a preliminary study. *Hispanic American Historical Review*, Durham, v. 43, p. 173-205, May 1963.
- AMORIM, M. Norberta. *Um método de reconstituição de paróquias*. Braga: Universidade do Minho, 1991. 42 p.
- ATHAIDE, Jôhildo Lopes. *La ville de Salvador au XIXe siècle: aspects démographiques, d'après les registres paroissiaux*. Paris, 1975. Tese (Doutorado) - Université de Paris X, 1975.
- BACELLAR, Carlos A. P. *Os senhores da terra: família e sistema sucessório entre os senhores de engenho do oeste paulista, 1765-1855*. São Paulo, 1987. 300 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1987.
- _____. *Família, herança e poder em São Paulo: 1765-1855*. São Paulo: Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina, Universidade de São Paulo, 1991. 99 p. (Estudos CEDHAL, n. 7).
- _____. *Família e sociedade em uma economia de abastecimento interno (Sorocaba, séculos XVIII e XIX)*. São Paulo, 1994. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, 1994.
- _____. SCOTT, A. S. V. Sobreviver na senzala: estudo da composição e continuidade das grandes escravarias paulistas, 1798-1818. In: MARCÍLIO, M. L., NADALIN, S. O., BALHANA, A. P. (Eds.) *História e população: estudos sobre a América Latina*. São Paulo: SEADE, 1990. 308 p. p. 213-217.
- BALHANA, Altiva Pilatti. A evolução demográfica de Curitiba no século XIX. *Boletim de Estudos de História Quantitativa*, Curitiba, v. 15, 1972.
- _____. *Santa Felicidade: uma paróquia vêneta no Brasil*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1978.
- _____, BURMESTER, A. M. O., CARDOSO, J. A., NADALIN, S. A. Pesquisa em demografia histórica na Universidade Federal do Paraná. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 3., 1982, Vitória. *Anais...* São Paulo: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 1982. v. 3. p. 441-444.
- BASSANEZI, M. S. B. O casamento na Colônia no tempo do café. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 6., 1988, Olinda-PE. *Anais...* São Paulo: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 1988. v. 1. p. 109-154.
- BIDEAU, A., NADALIN, S. Étude de la fécondité d'une communauté évangélique luthérienne à Curitiba (Brésil) de 1866 à 1939. *Population*, Paris, v. 43, n. 6, p. 1035-1064, 1988.

- BOM MEIHY, J. C. S., BERTOLLI FILHO, C. *História social da saúde: opinião pública versus poder. A Campanha da vacina 1904.* São Paulo: Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina, Universidade de São Paulo, 1990. 91 p. (Estudos CEDHAL, n. 5).
- BONI, M. I. M. *A população da vila de Curitiba segundo as listas nominativas de habitantes.* Curitiba, 1974. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, 1974.
- BRIOSCHI, Lucilia R. (Ed.). *Entrantes no sertão do rio Pardo: o povoamento da freguesia de Batatais - séculos XVIII e XIX.* São Paulo: CERU, 1991.
- BURMESTER, Ana Maria O. *A população de Curitiba no século XVIII, 1751-1800, segundo os registros paroquiais.* Curitiba, 1974. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, 1974.
- _____. *Population de Curitiba au XVIII siècle.* Montreal, 1981. 2 v. Tese (Doutorado) - Université de Montreal.
- CAMARGO, Jaime F. *Crescimento da população no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos.* São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas, Universidade de São Paulo, 1981. 2 v. (Ensaio econômico, n. 14).
- CARDOSO, Jaime, NADALIN, Sergio. Os meses e os dias de casamento no Paraná. Séculos XVIII, XIX e XX. *História: questões & debates*, Curitiba, v. 3, n. 5, p. 103-129, dez. 1982.
- CARVALHO, V. M. *Girando em torno da roda: a misericórdia de São Paulo e o atendimento às crianças expostas 1897-1951.* São Paulo, 1996. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1996.
- CENTRO DE ESTUDOS DE DEMOGRAFIA HISTÓRICA DA AMÉRICA LATINA. *Relatório geral. Gestão Maria Luiza Marcílio. Diretora - 1985-1994.* São Paulo, 1994.
- COSTA, Dora I. P. da. *Posse de escravos e produção no agreste paraibano: um estudo sobre bananeiras: 1830-1888.* Campinas, 1992. Tese (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 1992.
- COSTA, Iraci del Nero da. Análise da morbidade nas Gerais: Vila Rica: 1799-1801. *Revista de História*, São Paulo, n. 107, p. 241-162, 1976.
- _____. Vila Rica: casamentos (1727-1826). *Revista de História*, São Paulo, n. 111, p. 195-208, 1977.
- _____. Vila Rica: população (1719-1826). São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas, Universidade de São Paulo, 1979.
- COSTA, Iraci del Nero da. *Arraia-miúda: um estudo sobre os não-proprietários de escravos no Brasil.* São Paulo: MGSP Editor, 1992.
- _____, GUTIÉRREZ, H. Note sur le mariage des esclaves dans les régions de São Paulo et du Paraná (1830). *Annales de Demographie Historique*, Paris, p. 49-57, 1986. Também publicado em: *História: questões & debates*, Curitiba, v. 5, n. 9, p. 313-321, dez. 1984.
- _____, NOZOE, N. H. Economia colonial brasileira: classificação das ocupações segundo ramos e setores. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 17, n.1, p. 69-87, jan./abr. 1987.
- _____, SLENES, R. W., SCHWARTZ, S. B. A família escrava em Lorena (1801): versão preliminar. São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas, 1986. Trabalho apresentado no 1º Seminário Centenário da Abolição do Escravismo. Também publicado em: *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 245-295, maio/ago. 1987.
- COWELL JÚNIOR, Bainbridge. Documentos de carácter demográfico relativos a la ciudad de Recife (Brasil), anteriores a 1820. In: FUENTES para la demografia histórica de América Latina. México: CLACSO-CELADE, 1975. p. 132-135.
- DEL PRIORE, M. L. (Org.). *A história da criança no Brasil.* São Paulo: Contexto, 1991. 176 p. (Caminhos da história).
- _____. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia.* São Paulo, 1990. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1990.

- FALCI, Miridan Britto K. Demografia escrava no Piauí. In: MARCÍLIO, M. L., NADALIN, S. O., BALHANA, A. P. (Eds.). *História e população: estudos sobre a América Latina*. São Paulo: SEADE, 1990. 308 p. p. 244 -250.
- _____. *A criança na Província do Piauí*. Teresina: Academia Piauiense de Letras: Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina, 1991.
- _____. *Escravos do sertão: demografia, trabalho e relações sociais*. Piauí, 1826-1888. São Paulo, 1993. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1993.
- FAMÍLIA e sociedade na Bahia no século XIX. São Paulo: Corrupto, 1988.
- FARIA, Silva S. C. *A Colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial* (Sudeste, século XVIII). Niterói, 1994. 2 v. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, 1994.
- FLEURY, M., HENRY, L. *Nouveau manuel de dépouillement et d'exploitation de l'état civil ancien*. Paris: Institut National D'Etudes Demographiques, 1965.
- FLORENTINO, M. G., GÓES, J. R. Parentesco e família entre os escravos no século XIX: um estudo de caso. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Campinas, v. 12, n. 1/2, p. 151-167, 1995.
- _____. Parentesco e família entre os escravos de Vallim. In: CASTRO, H. M. M., SCHNOOR, E. (Orgs.). *Resgate: uma janela para o Oitocentos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995b. p. 139-164.
- _____. *Paz nas senzalas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- GERTZE, Jurema M. Notas para o estudo da mortalidade infantil entre a população escrava no Rio Grande do Sul (1850-1872). *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 16, n.1/2, p. 137-159, 1990.
- GOLDSCHMIDT, Eliana M. R. *Convivendo com o pecado*. Os delitos da carne na sociedade colonial paulista (1719-1822). São Paulo, 1993. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1993.
- GONÇALVES, M. A. C. *Estudo demográfico da Paróquia de N. Senhora Santana de Ponta Grossa 1823-1879*. Curitiba, 1979. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, 1979.
- GRAF, M. E. C. *População escrava da província do Paraná a partir das listas de classificação para emancipação 1873-1896*. Curitiba, 1974. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, 1974.
- HENRY, Louis. *Manuel de démographie historique*. Paris: Drozm, 1967.
- _____. Temas de pesquisa, fontes e métodos de demografia histórica do Brasil. *Revista de História*, São Paulo, v. 53, n. 105, p. 63-79, jan./fev. 1976.
- _____. *Técnicas de análise em demografia histórica*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1977. 165 p.
- KLEIN, Herbert. The trade in african slaves to Rio de Janeiro, 1795-1811: estimates of mortality and patterns of voyage. *Journal of African History*, Cambridge, v. 10, n. 4, p. 533-549, 1969.
- _____. The portuguese slave trade from Angola in the 18th century. *The Journal of Economic History*, Greenville, v. 32, n. 4, p. 894-918, Dec. 1972.
- _____. O tráfico de escravos africanos para o Porto do Rio de Janeiro 1825-1830. *Anais de História*, Assis, n. 5, p. 85-101, 1973.
- KUBO, E. M. *Aspectos demográficos de Curitiba, 1801-1850*. Curitiba, 1975. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, 1975.
- KUHLMANN JÚNIOR, M. *As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais, 1862-1922*. São Paulo, 1996. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1996.
- KUZNETSOF, Elizabeth A. *Household economy and urban development*. São Paulo, 1765 to 1836. Boulder. Westview Press, 1986.

- LEVY, Maria Bárbara. Participação da população livre e escrava numa codificação sócio-profissional do Rio de Janeiro (1850-1870): alguns aspectos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 6., 1973, São Paulo. *Anais...* São Paulo, 1973. v. 1. p. 639-658.
- LINHARES, M. Yedda Leite, LEVY, Maria Bárbara. Aspectos da história demográfica e social do Rio de Janeiro (1808-1889). In: L'HISTOIRE quantitative du Brésil de 1800 à 1930. Paris: CNRS, 1973. p. 123-142.
- LONDOÑO, Fernando T. O crime do amor. In: D'INCAO, Maria Angela (Ed.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989a.
- _____. *El concubinato y la iglesia en el Brasil colonial*. São Paulo: Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina, Universidade de São Paulo, 1989b. (Estudos CEDHAL, n. 2).
- _____. *Público e escandaloso: igreja e concubinato no antigo bispado do Rio de Janeiro*. São Paulo, 1992. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1992.
- LUNA, Francisco Vidal. *Minas Gerais: escravos e senhores. Análise da estrutura populacional e econômica de alguns centros mineratórios (1718-1804)*. São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas, Universidade de São Paulo, 1981.
- _____. Casamento de escravos em S. Paulo: 1776, 1804, 1829. In: MARCÍLIO, M. L., NADALIN, S. O., BALHANA, A. P. (Eds.). *História e população: estudos sobre a América Latina*. São Paulo: SEADE, 1990. 308 p. p. 226-236.
- _____, COSTA, I. N. da. Algumas características do contingente de cativos em Minas Gerais. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 29, p. 79-97, 1979.
- _____. Devassas nas Minas Gerais: observações sobre casos de concubinato. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 31, p. 3-15, 1982.
- MARCÍLIO, M. L. *La ville de S. Paulo: peuplement et population 1750-1850*. Paris: Editions de l'Université de Rouen/ Presses Universitaires de France, 1968.
- _____. Tendências e estruturas dos domicílios na capitania de São Paulo (1765-1828) segundo as listas nominativas de habitantes. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 2, n. 6, p. 81-100, 1970.
- _____. *Crescimento histórico da população brasileira até 1872*. São Paulo: Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina, 1973. (Cadernos Cebrap, n. 16)
- _____. Antroponymie au Brésil. In: HENRY, L. (Ed.). *Noms et prénoms. Aperçu historique sur la denomination des personnes en divers pays*. Dolhain: Ordina: IUSSP, 1974b. p. 37-46.
- _____. Catálogo de los datos bibliográfico-documentales de naturaleza demográfica existentes en los archivos brasileños. In: FUENTES para la demografia histórica de América Latina. México: CLACSO-CELADE, 1975a. p. 87-131.
- _____. Evolution historique de la population brésilienne jusqu'en 1872. In: LA POPULATION du Brésil. Paris: CICRED, 1975b. p. 7-24.
- _____. (Org.). *Demografia histórica*. São Paulo: Pioneira, 1977a.
- _____. Levantamento censitário da fase proto-estatística do Brasil. *Anais de História*, Assis, n. 9, p. 63-75, 1977b.
- _____. (Org.). *População e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1984a.
- _____. Sistemas demográficos no Brasil do século XIX. In: MARCÍLIO, M. L. (Org.). *População e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1984b. p. 193-207.
- _____. The population of colonial Brazil. In: BETHELL, L. *The Cambridge history of Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984c. v. 2. p. 37-66.
- _____. Población y fuerza de trabajo en una economía en proceso de transformación. La provincia de S. Paulo a fines de la época colonial. In: SANCHEZ- ALBORNOZ, N. (Ed.). *Población y mano de obra en América Latina*. Madrid: Alianza Editorial, 1985. p. 115-126.
- _____. A fecundidade camponesa no Brasil antigo: o caso de Ubatuba. *Estudos Econômicos*, São Paulo, n. 15, p. 111-126, 1985b.

- MARCÍLIO, M. L. *Caiçara: terra e população* - estudo de demografia histórica e da história social de Ubatuba. São Paulo: Paulinas: Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina, Universidade de São Paulo, 1986.
- _____. *Mariage et remariage dans le Brésil traditionnel: lois, intensité, calendrier*. In: GLASS, D. V. et al. (Eds.). *Marriage and remarriage in past population*. London: Academic Press, 1988. p. 363-373.
- _____. *Padrões da família escrava. Travessia* - *Revista do Migrante*, São Paulo, n. 9, 1990.
- _____. *Santé et mort dans la ville impériale de Rio de Janeiro, 1830-1889*. In: BARDET, J. P. et al. (Orgs.). *Mesurer et comprendre: mélanges offerts à Jacques Dupâquier*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993a. p. 381-390.
- _____. (Org.). *Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola: CEDHAL/CEHILA, 1993b.
- _____. *Colonial Brazil: population*. In: BETHELL, L. *The Cambridge history of Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, v. 11. p. 180-183.
- _____. LISANTI, L. *Problèmes de l'histoire quantitative du Brésil: Métrologie et Démographie*. In: L'HISTOIRE quantitative du Brésil de 1800 à 1930. Paris: CNRS, 1973. p. 29-37.
- MARQUES, M. C. C. *A mortalidade infantil na colonização do norte do Paraná: o caso de Maringá*. São Paulo, 1994. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1994.
- MARTINS, José de Souza. (Ed.). *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: HUCITEC, 1983. p. 61-75.
- MATTOSO, Kátia. *Os escravos na Bahia no alvorecer do século XIX*. *Revista de História*, São Paulo, n. 97, p. 109-135, jan./mar. 1974.
- _____. *Bahia, século XIX: uma província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- _____, ATHAIDE, J. L. *Epidemias e flutuações de preços na Bahia no século XIX*. In: L'HISTOIRE quantitative du Brésil de 1800 à 1930. Paris: CNRS, 1973. p. 183-198.
- MELLO, Pedro Carvalho de. *Estimativa da longevidade dos escravos no Brasil na segunda metade do século XIX*. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 13, 1983.
- MEQUELUSSE, J. *A população de Paranaguá no final do século XVIII*. Curitiba, 1975. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Curitiba, 1975.
- MERRICK, Thomas W., GRAHAM, Douglas H. *População e desenvolvimento econômico no Brasil, de 1800 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- METCALF, A. C. *A família escrava no Brasil colonial: um estudo de caso em São Paulo*. In: MARCÍLIO, M. L., NADALIN, S. O., BALHANA, A. P. (Eds.). *História e população: estudos sobre a América Latina*. São Paulo: SEADE, 1990. 308 p. p. 205-212.
- _____. *Family and frontier in colonial Brazil: Santana de Parnaíba, 1580-1822*. Berkeley: University of California Press, 1992.
- MIRANDA, B. T. M. *Aspectos demográficos de uma cidade paranaense no século XIX: Curitiba, 1851-1880*. Curitiba, 1978. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, 1978.
- MOTT, L. *A demografia histórica e a história demográfica do Brasil: fontes documentais e bibliografia*. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 1976a.
- _____. *Pardos e pretos em Sergipe: 1774-1851*. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 18, p. 7-37, 1976b.
- _____. *Os pecados da família na Bahia de Todos os Santos (1813)*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1982.
- _____. *Piauí colonial: população, economia e sociedade*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.
- _____. *Sergipe del Rey: população, economia e sociedade*. Aracaju: Fundese, 1986.

- MOTTA, José Flávio. A demografia histórica no Brasil: contribuições à historiografia. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Campinas, v. 12, n. 1/2, p. 133-149, 1995.
- _____. A família escrava e a penetração do café em Bananal, 1801-1829. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Campinas, v. 5, n. 1, p. 71-101, jan./jun. 1988.
- NADALIN, Sergio Odilon. *A origem dos noivos nos registros de casamento da comunidade evangélica luterana de Curitiba, 1870-1969*. Curitiba, 1975. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, 1975.
- _____. *Une paroisse d'origine germanique au Brésil: la communauté évangélique luthérienne à Curitiba entre 1866 et 1969*. Paris. Tese (Doutorado) - EHESS, 1978.
- _____. Dinâmica da população luterana em Curitiba a partir de 1866: alguns aspectos sobre a fecundidade. *História: questões & debates*, Curitiba, v. 3, n. 5, p. 195-204, dez. 1982.
- NEVES, Maria de Fatima R. *Infância de faces negras: a criança escrava brasileira no século XIX*. São Paulo, 1993. Dissertação de mestrado.
- PAIVA, Clotilde, KLEIN, H. S. Escravos e livres nas Minas Gerais do século XIX: campanha em 1831. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 129-151, 1992.
- _____. LIBBY, Douglas. The middle path: alternative patterns of slave demographics in 19th century Minas Gerais. In: CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE POVOAMENTO DAS AMÉRICAS, Veracruz, México, 1992.
- RAMOS, Donald. Marriage and family in colonial Vila Rica. *Hispanic American Historical Review*, Durham, v. 55, n. 2, p. 200-225, May 1975.
- SAMARA, Eni de Mesquita. Casamento e papéis familiares em S. Paulo no século XIX. *Cadernos de pesquisa: revista de estudos e pesquisas em educação*, São Paulo, n. 37, p. 17-25, maio 1981.
- _____. *As mulheres, o poder e a família: São Paulo, século XIX*. São Paulo: Marco Zero: 1989.
- _____. Famílias e domicílios em sociedades escravistas (São Paulo no século XIX). In: MARCÍLIO, M. L., NADALIN, S. O., BALHANA, A. P. (Eds.). *História e população: estudos sobre a América Latina*. São Paulo: SEADE, 1990. 308 p. p. 175-184.
- _____. COSTA, I. N. da. *Demografia histórica: bibliografia brasileira*. São Paulo: IPE, 1984.
- SCHAAF, M. B. *A população da vila de Curitiba segundo as listas nominativas de habitantes, 1786-1799*. Curitiba, 1974. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, 1974.
- SCOTT, Ana Silvia Volpi. *Dinâmica familiar da elite paulista (1765-1836)*. São Paulo, 1987. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1987.
- SILVA, Jovam Vilela da. *Mistura de cores: política de povoamento e população na capitania de Mato Grosso, século XVIII*. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 1995.
- SILVA, Maria Beatriz da. *Sistema de casamento no Brasil colonial*. São Paulo: Edusp: T. A. Queiroz, 1984.
- SLENES, Robert. *Slave marriage and family patterns in the coffee regions of Brazil, 1850-1888*. Comunicação apresentada à Convenção da American Historical Association, dez. 1978.
- _____. Escravidão e família: padrões de casamento e estabilidade familiar numa comunidade escrava (Campinas, século XIX) In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 4. 1984, Águas de São Pedro. *Anais...* São Paulo: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 1984, v. 4. p. 2119-2134.
- _____. As taxas de fecundidade da população escrava brasileira na década de 1880: estimativas e implicações. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 5., 1986, Águas de São Pedro. *Anais...* São Paulo: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 1986, v. 1. p. 53-71.

- SLENES, Robert. *Escravidão e família: padrões de casamento e estabilidade familiar numa comunidade escrava (Campinas, século XIX)*. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 17, n.2, p. 217-227, 1987.
- VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- VALE, Marília Souza do. *Movimento populacional da Lapa, 1769-1818*. Curitiba, 1976. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, 1976.
- _____. *Nupcialidade e fecundidade das famílias da Lapa, 1770-1829*. São Paulo, 1983. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1983.
- VENÂNCIO, Renato Pinto. *Ilegitimidade e concubinato no Brasil colonial: Rio de Janeiro e São Paulo*. São Paulo: Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina, Universidade de São Paulo, 1986. (Estudos CEDHAL, n. 1).
- _____. *Infância sem destino: o abandono de crianças no Rio de Janeiro no século XVIII*. São Paulo, 1988. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1988.
- _____. *Casa da Roda: institution d'assistance infantile au Brésil (XVII-XIX siècles)*. Paris. Tese (Doutorado) - Université de Paris IV - Sorbonne, 1993.

Resumo

Trata-se de um balanço da produção e das linhas de pesquisa no campo da Demografia Histórica no Brasil. Depois de realizar sua tese de Doutorado em Paris, com o pai da Demografia Histórica - o professor Louis Henry -, e de ter publicado sua tese na França, sob o título *La Ville de São Paulo Peuplement et Population 1750 e 1850*, em 1968, a autora introduziu a ciência Demografia Histórica no Brasil. Nessas condições, esse artigo é, a um tempo, um testemunho pessoal e uma análise crítica da produção desses 30 anos de pesquisas na área. O estudo resalta as linhas de pesquisa e as temáticas que têm merecido maior atenção dos pesquisadores, ou seja, estudos sobre fontes de dados para a Demografia Histórica brasileira, nupcialidade, família, concubinato e criança: estrutura dinâmica da população livre e da população escrava. Por outro lado, as pesquisas vêm privilegiando o Centro-sul do País e o período que se situa entre 1750 e 1850. Mostra ainda que pouca atenção vem sendo dada aos estudos sobre fecundidade, mortalidade, morbidade e migrações.

Abstract

The text analyses the production and the researches lines followed in the Brazilian Historical Demography. After has made her Ph.D thesis with Professor Louis Henry (Historical Demography father's) and had published this work in France, under the title *La Ville de São Paulo Peuplement et Population 1750-1850*, in 1968, the autor introduced the new science in Brazil. Under this conditions this text is a personal testimony and also a critical analysis about the Brazilian production in 30 years of researches in this field. This study emphasizes the researches lines and the themes who has been receiving the biggest attention by the researches, it means studies about the sources existants for the studies in Brazilian Historical Demography, marriages, families and children: structures and dynamics about free and slave population. On the other hand, this researches has been concentrated in the South-Center of the country and in the period between 1750 and 1850. It also demonstrates that a few attention was given to the studies about fertility, death rates, morbidity and migrations in the past population of Brazil.